

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**MARCELLA PINHO DE FREITAS CONRADO**

**CRIANÇAS SOLDADO**

**Formação e atuação na guerra civil de Serra Leoa (1991-2002)**

**RECIFE**

**2016**

**MARCELLA PINHO DE FREITAS CONRADO**

**CRIANÇAS SOLDADO**

**Formação e atuação na guerra civil de Serra Leoa (1991-2002)**

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

**ORIENTADOR: Prof. Dr. Antonio  
Henrique Lucena Silva**

**RECIFE**

**2016**

**Conrado, Marcella Pinho de Freitas**

**Crianças soldado: formação e atuação na guerra civil da Serra Leoa (1991 – 2002). / Marcella Pinho de Freitas Conrado. – Recife: O Autor, 2016.**

**51 f.**

**Orientador(a): Prof. Dr. Antonio Henrique Lucena Silva.**

**Monografia (graduação) – Faculdade Damas da Instrução Cristã.**

**Trabalho de conclusão de curso, 2016.**

**Inclui bibliografia.**

**1. Relações Internacionais. 2. Crianças soldado. 3. Guerra civil. 4. Serra Leoa. 5. Meninas soldado. I. Título.**

**327 CDU (2.ed.)  
327 CDD (22.ed.)**

**Faculdade Damas  
TCC 2017-524**

**MARCELLA PINHO DE FREITAS CONRADO**

**CRIANÇAS SOLDADO**

**Formação e atuação na guerra civil de Serra Leoa (1991-2002)**

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Orientador Antonio Henrique Lucena Silva  
**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

---

Prof. Elton Gomes dos Reis  
**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

---

Prof. Luis Emmanuel Barbosa da Cunha  
**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a minha família, que me ajudou tanto com seu apoio e compreensão durante a elaboração deste trabalho. Aos meus amigos, que por muitas vezes precisei negligenciar para que fosse possível concluir a minha pesquisa.

Agradeço aos demais professores da Faculdade Damas que me ajudaram e aconselharam, compreendendo as pressões que envolvem uma monografia. Em especial, agradeço ao meu Professor Orientador Antonio Henrique Lucena Silva, a quem admiro desde o meu primeiro ano de curso, pela paciência e orientação dedicada e por acreditar que eu seria capaz de chegar até aqui.

## RESUMO

A guerra civil que durou uma década em Serra Leoa ganhou destaque internacional pelo uso generalizado de crianças soldado, por parte de todos os grupos e forças armadas envolvidos no conflito. Este trabalho foca no grupo rebelde Frente Revolucionária Unida, por ter recrutado o maior número de jovens combatentes, fazendo também uma análise do processo de doutrinação e treinamento desses meninos e meninas. Buscando explorar as vidas e realidades das crianças envolvidas no conflito, e os diversos papéis que exerceram, o objetivo deste trabalho é desmistificar as narrativas limitadas da mídia e discurso popular sobre o tema. O conceito de agência é aplicado à experiência dessas crianças e auxilia em uma análise mais profunda do processo de decisões que crianças soldado precisam passar para sobreviver no contexto de violência em que estão inseridas. Apesar de serem construídas e discutidas em uma lógica de extremos, seja a de vítimas ou perpetradoras, na realidade, as vidas, experiências e identidades dessas crianças militarizadas recaem em zonas ambíguas e paradoxais que envolvem mais de uma lógica. Aspectos importantes também presentes neste trabalho, são os do uso de crianças como tática militar, o que auxilia na compreensão dos fatores que influenciam um grupo ou força armada a incorporar crianças em suas fileiras, e a dinâmica das meninas soldado, atores que merecem maior atenção devido a suas experiências únicas na guerra. O aspecto mais importante dessa pesquisa foi a de obter uma visão mais aprofundada da realidade de crianças soldado, utilizando o contexto do conflito em Serra Leoa como referência.

Palavras-chave: Crianças soldado. Guerra civil. Serra Leoa. Recrutamento. Treinamento.

## ABSTRACT

The decade-long civil war in Sierra Leone gained international prominence through the widespread use of child soldiers by all groups and armed forces involved in the conflict. This work focuses on the rebel group Revolutionary United Front, for having recruited the largest number of young combatants, also doing an analysis of the process of indoctrination and training of these boys and girls. Seeking to explore the lives and realities of the children involved in the conflict, and the diverse roles they have played, the aim of this paper is to demystify the limited media narratives and popular discourse on the subject. The concept of agency is applied to the experience of these children and assists in a deeper analysis of the decision-making process that child soldiers must go through to survive in the context of violence in which they are inserted. Although they are constructed and discussed in a logic of extremes, being victims or perpetrators, in reality, the lives, experiences and identities of these militarized children fall into ambiguous and paradoxical zones that involve more than one logic. Also important aspects present in this paper, are the use of children as a military tactic, which assists in understanding the factors that influence a group or armed force to incorporate children into their ranks, and the dynamics of girl soldiers, actors who deserve more attention due to their unique experiences in war. The most important aspect of this research was to gain a deeper insight into the reality of child soldiers, using the context of the conflict in Sierra Leone as a reference.

**Key words** Child soldiers; Civil war; Sierra Leone; Recruitment; Training.

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>1. Definindo “crianças soldado”, entrada em grupos armados, e o conceito de agência..</b>	<b>11</b>
<b>2. O processo de se tornar um soldado e influência das “novas guerras” ..</b>	<b>22</b>
<b>3. Crianças soldado como tática militar e a dinâmica das meninas soldado.....</b>	<b>36</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>46</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>50</b>

## INTRODUÇÃO

O processo de transformação do civil em criança-soldado durante a guerra civil de Serra Leoa impactou profundamente a vida de um grande número de jovens durante os 11 anos de conflito. Separadas de suas famílias e inseridas em uma nova realidade governada por disciplina rígida, violência extrema e abusos das mais diversas formas, essas crianças passaram por um processo de transição para assumir seus papéis na guerra. A iniciação dessas crianças-soldado se deu através de uma reconstrução de identidade, com o objetivo de romper seus laços com sua antiga vida civil e assimilar sua condição de participante direto no conflito, caracterizando uma espécie de “ressocialização”. Analisando os meios de doutrinação utilizados pelos comandantes dos grupos combatentes, é possível identificar uma reconfiguração moral que permitiu a transição da criança à vida militar. O processo de doutrinação e de treinamento não representa apenas uma série de atividades às quais essas crianças militarizadas foram submetidas, mas também um procedimento de internalização de novas crenças, valores, atitudes e motivações.

A guerra civil em questão teve início em 1991, quando o grupo extremista Frente Revolucionária Unida passou a lutar para derrubar o governo nacional. Desde a independência do país em 1961, a população do país sofreu com a corrupção e má administração que marcaram o cenário político. Instituições como o sistema educacional e de saúde entraram em colapso, cooperando com o enfraquecimento da sociedade civil. O conflito resultou na morte de milhares de pessoas e se destacou pela grande quantidade de massacres, amputações como forma de intimidação, o tráfico de diamantes de sangue como fonte financeira principal e pelo uso massivo de crianças militarizadas.

O recrutamento de crianças em grupos armados foi e ainda é visto como uma vantagem estratégica pelos comandantes, pois acreditam que crianças são bons combatentes

por serem jovens e enxergar a guerra como um jogo, já que não entendem ou não conseguem avaliar os riscos que correm. É possível encontrar relatos de vítimas e testemunhas dizendo que temiam mais as crianças do que os adultos, pois elas não desenvolveram um entendimento do valor da vida, inclusive achando o combate divertido. O uso de drogas também foi muito comum, pois suspendia inibições normais e tornavam as crianças destemidas. Muitos jovens foram levados a participar ativamente da guerra. Muitas crianças foram coagidas a lutar; outras foram introduzidas naquela realidade por conta da pobreza e crises em suas comunidades; algumas foram seduzidas por promessas de glória e aventura. Crianças, muitas vezes com menos de dez anos, foram transformadas em assassinas impiedosas, com aparente indiferença ou até mesmo orgulho.

Essas crianças foram envolvidas de diversas maneiras. Frequentemente, aquelas que conseguiram evitar se tornar soldados foram feridas ou mortas em ataques às áreas civis. Foram separadas de seus pais e afastadas de suas comunidades. Os deslocados precisaram buscar refúgio em outros territórios, e aqueles que permaneceram nas zonas de conflito foram sujeitos a várias formas de violência e exploração. As crianças não foram usadas apenas como combatentes, mas também como mensageiros, carregadores, cozinheiros e escravos sexuais.

Em sociedades modernas, a infância é normalmente associada à fraqueza e dependência de orientação adulta. De forma contrastante, soldados são associados à força, agressividade, e à maturidade de um adulto. Crianças devem ser protegidas e defendidas; o papel de um soldado é proteger e defender. A combinação paradoxal de criança e soldado é inquietante. À medida que a ordem social foi quebrada em Serra Leoa, os papéis entre crianças e adultos foram deslocados. Crianças criam e recriam seus papéis de acordo com as situações apresentadas, e quando sua comunidade foi imersa na guerra civil, elas assumiram papéis que em circunstâncias normais seriam assumidos por adultos. Este trabalho procura

expor e analisar o processo de transformação dessas crianças em soldados, e como esses papéis foram inseridos em seu cotidiano durante a guerra civil.

A crescente participação de crianças em conflitos armados durante a década de noventa se tornou grande preocupação na agenda de diversos atores internacionais, que procuraram formular normas mais rigorosas com relação à proibição do recrutamento de combatentes com idade inferior a 18 anos e a criação de programas de desmobilização e reabilitação social. A constante interação desses atores – e no caso de Serra Leoa, seu destaque na mídia – foi responsável pela criação de narrativas específicas sobre esses meninos e meninas que se passou a crianças soldado.

Tendo isso em vista, este trabalho procura responder a seguinte questão: como podemos entender a relação entre o discurso dominante sobre crianças soldado e a realidade multifacetada que de fato configura as experiências desses jovens em conflitos armados? Isso será possível através da análise de aspectos alternativos e complementares aos discursos dominantes, que permitiram representações limitadas a uma só lógica, seja ela a de vítima ou perpetrador violento.

A pesquisa fará um levantamento bibliográfico, analisando livros, dissertações e relatórios produzidos sobre o tema. É possível observar que muitos estudos focam em estimar os números de crianças envolvidas, reportar experiências, descrever instrumentos legais contra o uso de crianças soldado, e avaliar programas de reintegração. Portanto, as fontes escolhidas para a investigação do problema neste trabalho se aprofundam mais nas diversas facetas do fenômeno, ao contrário do discurso dominante limitador, também abordando questões mais específicas que merecem maior atenção, como o uso de crianças soldado como tática de guerra e a dinâmica das meninas soldado.

## 1 – DEFININDO “CRIANÇA SOLDADO”, ENTRADA EM GRUPOS ARMADOS E O CONCEITO DE AGÊNCIA

### 1.1 Definição de "criança soldado"

Diversos desafios surgem no processo de definir crianças soldado. No Ocidente, pensar em crianças envolvidas em conflitos armados remete automaticamente a uma noção pré-concebida de infância. Parece simples dizer que sabemos o que significa "criança" e "soldado", mas essas palavras e conceitos têm um significado diferente de nossas expectativas no contexto de vários conflitos ao redor do mundo. Ao longo da história e em diferentes culturas, o conceito de infância não é definido e vivenciado da mesma maneira. A definição da Convenção sobre os Direitos da Criança de 1989, que considera como criança qualquer indivíduo menor de 18 anos de idade, é o instrumento de direitos humanos mais aceito no mundo e é adotada pela maioria dos países e órgãos internacionais. Entretanto, em sociedades não ocidentais como as da África subsaariana, particularmente em áreas rurais onde a força da tradição ainda é muito presente, a transição para a vida adulta gira em torno de rituais e cerimônias culturalmente instituídas. Segundo Wessels (2006), esses processos geralmente ocorrem em torno dos 14 anos. Assim, é possível observar como o entendimento ocidental de que idade é necessária para atingir a maioridade difere à medida que mudamos o foco do contexto sociocultural.

Sendo assim, a noção de infância entendida no ocidente como uma categoria fixa, determinada pela idade e dividida em fases, que apontam os diferentes momentos de desenvolvimento da criança, não encontra respaldo em muitas sociedades não ocidentais. Por esse motivo, não há consenso entre as diferentes culturas quanto aos meios efetivos de socialização da criança na sociedade. Igualmente, não há como estipular de forma universalmente válida as atividades apropriadas para as crianças. Tais critérios são conceituados em contextos históricos, culturais e sociais distintos. A transição da infância

para a fase adulta seria, então, marcada por fases determinadas naturalmente por meio das quais a criança deixaria de ser imatura, dependente e irracional e se transformaria em um adulto maduro, competente, racional e independente. No contexto das crianças envolvidas em conflitos armados, tendo em vista o conceito de que a infância é um estágio natural de desenvolvimento, as crianças seriam caracterizadas como sujeitos irracionais e imaturos psicologicamente, não sendo capazes de tomar decisões racionalmente e de avaliar as consequências de suas ações. Por esse motivo, as crianças precisariam de proteção em decorrência da vulnerabilidade à manipulação e a exploração por parte de adultos.

Tais representações refletem a definição de infância baseada na noção de que a criança ainda não seria dotada de racionalidade na medida em que ainda estaria em processo de desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e morais. A partir dessa definição, a irracionalidade e a conseqüente dependência são interpretadas como fatores essenciais para explicar como grupos armados manipulam crianças para cometerem atrocidades, como estupros e assassinatos em massa. Como as crianças ainda não possuiriam maturidade capaz de avaliar a enormidade de seus atos, elas ainda não compreenderiam as consequências morais de suas ações, tornando-se, por isso, mais passíveis a doutrinação, a lealdade e a obediência aos comandos.

Idade não é a única dificuldade quando se trata de definir o conceito de “criança soldado”. Quando se pensa no termo soldado, é natural que sejam acessados os símbolos arquetípicos e noções mais comuns de homens uniformizados e bem treinados (DENOV, 2010). Essa imagem representa um contraste com a realidade de crianças envolvidas em conflitos armados, que em sua maioria, não são devidamente equipadas ou treinadas. Além disso, esse estereótipo acaba ocultando as realidades de crianças que exercem papéis diferentes, como por exemplo, mensageiros, cozinheiros, espiões, escravos sexuais e etc., falhando também em reconhecer a participação das meninas.

De acordo com Denov (2010), muitos critérios diferentes - raramente a idade - são usados para demarcar a infância. Esses critérios incluem o começo do trabalho, fim da escola, início da menstruação, noivado e casamento, entre outros. Trabalho infantil é, particularmente, um aspecto importante no contexto de crianças envolvidas no conflito de Serra Leoa. Crianças são responsáveis pelas mais diversas atividades, desde serviços domésticos, trabalho em fazendas e plantações, cuidar de crianças menores, vender alimentos e objetos. Em Serra Leoa, trabalho infantil praticamente define o que é infância, e uma criança que não trabalha é vista de forma negativa. Exercer um trabalho é visto por algumas sociedades como determinante na transição para a vida adulta, onde alguém deixa de ser uma criança quando realiza o trabalho de um adulto. Um jovem de 15 anos que viaja armado com um grupo militante pode ser visto como criança por muitos observadores internacionais, mas como adulto por pessoas em regiões rurais da África.

Dessa forma, não pareceu incomum para o povo de Serra Leoa que trabalho infantil fosse essencial às forças armadas (SHEPLER, 2004). Existem certos tipos de trabalhos que são designados para crianças. Os rebeldes e até mesmo o governo precisavam de crianças para buscar água, lavar roupas, cozinhar. Uma grande parte da população de "crianças soldado" se referia a crianças que realizavam atividades rotineiras: buscar água, cozinhar, limpar, carregar objetos. E mesmo as crianças que participavam mais ativamente do combate, o faziam dentro de um sistema em que fazia sentido crianças praticarem uma atividade adulta.

Reconhecendo os obstáculos no processo de definição, o termo "crianças associadas à forças armadas" foi introduzido nas discussões sobre o tema. Essa definição também não é considerada perfeita, já que pode privar crianças que desempenharam papéis alternativos que não envolvem o uso de armas a chance de participar de programas de apoio e privilégios que auxiliam no processo de desmobilização e reintegração.

Este trabalho utilizará o termo 'criança soldado', adotando a definição prevista pelos Princípios de Paris, uma lista de normas e parâmetros sobre crianças envolvidas em conflitos estabelecida em 2007, em uma conferência sediada pelo governo francês e organizada em conjunto com a Organização das Nações Unidas. Os Princípios de Paris definem o fenômeno da criança soldado da seguinte forma:

Any person below 18 years of age who is or who has been recruited or used by an armed force or an armed group in any capacity, including but not limited to children, boys and girls, used as fighters, cooks, porters, messengers, spies or for sexual purposes. It does not only refer to a child who is taking or has taken a direct part in hostilities (United Nations Children's Fund, 2007).

## 1.2 Entrada em grupos armados

Diversas discussões giram em torno da questão da forma como crianças se tornam soldados e suas razões. A narrativa mais popular e atraente, por sua simplicidade, enfatiza o recrutamento forçado, retratando crianças soldado como vítimas de sequestro. Muitos depoimentos, transmitidos pelas próprias pessoas envolvidas no conflito, ilustram como crianças diante de ameaças de violência e morte, não tiveram outra escolha a não ser se juntar ao grupo armado.

Contudo, é importante também levar em consideração a narrativa que enfatiza a guerra como uma fonte de oportunidades para crianças, que se juntam aos grupos armados por vontade própria para obter proteção, senso de família, educação e treinamento, poder, dinheiro, entre outras coisas, que podem ter sido negadas na vida civil. Quebrando a imagem de crianças como inocentes, essa narrativa mostra crianças como atores que possuem um forte senso de agência e que podem exercer escolhas. Existem muitos exemplos de crianças que decidiram que a possibilidade de um futuro melhor era maior ao se arriscar em um grupo armado do que vivendo as vidas que suas famílias e sociedades construíram para elas, e estas

se tornam soldados por formas e motivos diversos. Mesmo analisando uma zona de conflito ou país específico, como Serra Leoa, o recrutamento de crianças pode variar bastante de acordo com o contexto, pois as realidades de suas vidas misturam os limites entre escolha e coerção. Crianças que decidem se juntar a grupos armados podem entrar sem que seja necessária coerção, mas podem ser forçadas a permanecer posteriormente, pois quando entram em um grupo armado, elas geralmente não são livres para sair (WESSELLS, 2006).

Quando se trata de recrutamento forçado, grupos armados muitas vezes aderem à norma de levar qualquer criança que esteja em seu caminho, seja trabalhando nas plantações, à caminho da escola, ou até mesmo em suas próprias casas. Campos de refugiados e deslocados internos também são focos de sequestro, pois contém grande número de crianças e pouca segurança. Para reduzir sua responsabilidade, grupos armados frequentemente alegam que apenas alguns comandantes recrutam crianças sem permissão de seus líderes. Apesar de o recrutamento forçado ser tipicamente conduzido por grupos de oposição armados, governos nacionais também praticam o mesmo crime. Durante o conflito de Serra Leoa, as forças armadas do próprio governo recrutaram muitas crianças como soldados. Dessa forma, é fácil compreender como muitos jovens se tornam alienados dos seus governos e sociedades.

Para compreender o recrutamento voluntário, é necessário ter em mente que para muitas crianças, guerra não é algo distante, vivenciado através de televisões e jornais. Quando a guerra faz parte da vida diária, as experiências vividas por essas crianças e os contextos sociais onde se desenvolvem são redefinidos. Basta imaginar que na guerra civil que durou 11 anos em Serra Leoa, milhares de crianças cresceram sem conhecer um estado de paz. É mais simples compreender a escolha de fazer parte de um grupo armado quando se pensa na transformação do sistema social em que se vive, e em como se passa a entender esse sistema, durante conflitos armados. A guerra causa danos profundos em sistemas e instituições sociais que têm como função dar suporte à população e suprir suas necessidades básicas como água,

comida, abrigo e saúde. Conflitos e guerras civis normalmente são o produto de estados e governos falidos ou em processo de falência, consumidos por crime e corrupção. A erupção de guerras só piora essa situação já deteriorada, dificultando ainda mais a capacidade de suprir necessidades básicas (WESSELLS, 2006). Crianças em zonas de conflito assistem às suas fontes de apoio e esperança para o futuro serem destruídas, e por isso podem ver os grupos armados como sua melhor opção para obter elementos básicos como educação e acesso à saúde.

As transformações geradas pela guerra não são apenas de natureza econômica e política, mas também moral, e dentro dessas transformações morais, se encontra uma substituição dos valores que as crianças aprendem. Na maioria das sociedades, crianças são ensinadas a ver conflito e assassinato como indesejáveis, e paz como estilo de vida correto. Quando violência e morte são normalizadas por serem ocorrências diárias, os seus valores tendem a se distorcer em seu processo de adaptação a uma realidade violenta. Elas não apenas aprendem a "endurecer" para se acostumar as mortes e perdas constantes, mas também podem não conseguir desenvolver um real senso de importância da vida humana. Ao entender que suas famílias e governos não podem lhes oferecer proteção, crianças passam a ver o conflito como necessário e legítimo. Vivendo em uma cultura de violência, elas se adaptam à guerra, escolhendo se tornar soldados para obter poder, dinheiro, educação ou outras coisas que não estão ao seu alcance na vida civil.

A entrada de uma criança em um grupo armado marca uma profunda transição em sua vida. Separada de sua família e comunidade, ela é introduzida em um novo mundo governado por regras militares rígidas, disciplina e frequente exposição à violência. A adaptação à um grupo armado envolve um processo de ressocialização que pode reformar comportamentos, papéis e identidades. O processo envolve "desconstruir" e "construir" novamente a criança de forma extrema. Apesar de crianças soldado muitas vezes serem retratadas como vítimas de

"lavagem cerebral", esse termo pode não ser adequado, já que as crianças passam por mudanças internas no caminho para adaptação guiadas por elas mesmas (WESSELLS, 2006). Para sobreviver, elas precisam se submeter às regras do grupo e aceitar sua nova situação e ao fazer isso, elas podem cometer atrocidades que seus sentidos de moralidade e valores não teriam permitido na vida civil. A inserção nessa nova vida faz com que elas deixem de lado seu passado e se reconstruam no contexto do grupo armado. Algumas crianças podem conseguir manter sua identidade civil e senso de certo e errado apesar das experiências vividas na guerra, mas para muitas, quanto maior o tempo como soldados, maior a probabilidade de internalizar os valores do grupo armado.

### 1.3 O conceito de agência aplicado aos jovens associados à guerra

Considerando a forma como o discurso dominante e narrativas populares sobre o tema construíram uma perspectiva limitada sobre as experiências vividas por crianças militarizadas, é importante considerar o poder de decisão e agência envolvidos nos processos de se tornar um soldado e adaptação à violência. Por esse motivo, utilizaremos o conceito de agência e estrutura e desenvolvido por Anthony Giddens (1984) como referencial teórico para que seja possível compreender como essas crianças, de fato, exerceram influência nos eventos em que participaram e utilizaram de seu poder de tomar decisões para sobreviver e até mesmo resistir à realidade a que foram submetidas.

Para uma criança, se tornar um soldado significa tomar uma decisão e uma ação. A partir dessa perspectiva, jovens combatentes não são agentes passivos, mas sim atores com um forte e ativo senso de agência, que exercem escolha (WESSELLS, 2006).

Crianças que fazem escolhas podem ser relacionadas ao conceito de agência de Anthony Giddens:

Agency refers not to the intentions people have in doing things, but to their capability of doing so in the first place (...) Agency concerns events of which an individual is the perpetrator, in the sense that the individual could, at any phase in a given sequence of conduct, have acted differently. Whatever happened would not have happened if that individual had not intervened (GIDDENS, 1984).

Portanto, um agente é um indivíduo que possui a habilidade de intervir ou não no curso de ação de um determinado evento. Isso presume que o indivíduo tem poder, um conceito diretamente ligado a capacidade de influenciar um processo ou situação (WESSELLS, 2006). Muitas crianças escolhem se tornar soldados buscando vingança ou dinheiro. Tais decisões podem fazer crianças parecerem agentes conscientes da situação que escolheram. Porém, ao se dar conta de que muitas crianças soldado têm entre 7 e 14 anos, se torna necessário analisar mais profundamente o contexto para compreender como realmente se dá o recrutamento voluntário. O processo de tomada de decisão não pode ser separado do contexto do indivíduo que está decidindo. Segundo Giddens, a agência exercida pelo indivíduo não pode ser compreendida separadamente de sua estrutura. Agente e estrutura não podem estar separados, pois se constituem mutuamente:

The constitution of agents and structures are not two independently given sets of phenomena, a dualism, but represent a duality. (...) Structure is not 'external' to individuals: as memory traces, and as instantiated in social practices, it is a certain sense more 'internal' than exterior to activities (GIDDENS, 1984).

A estrutura em que o agente funciona influencia as escolhas feitas pelo indivíduo. O exercício da agência depende da estrutura onde se desenvolve. Crianças que decidem se juntar a grupos armados usam autonomia para decidir, o que lhes confere poder e responsabilidade sobre a situação que se desenrola. Sob essa perspectiva, crianças que se tornam soldados usam

seu poder e agência, mas tal decisão não pode ser isolada da estrutura ligada à elas. Tomadas de decisão conscientes implicam em agentes esclarecidos (GIDDENS, 1984), o que não é o caso de jovens que se juntam a forças armadas. O nível de consciência desses indivíduos é limitado, pois não possuem completo conhecimento das consequências de tal decisão. A maioria não conhece as implicações dessa escolha para o resto de suas vidas. Estrutura não existe independentemente do conhecimento que agentes tem sobre o que fazem em sua rotina, entretanto, eles podem não saber ou compreender todas as possíveis consequências de suas atividades (GIDDENS, 1984). O conceito de agência de Giddens é importante ao relacionar as ações, escolhas e construção de identidade de crianças soldado no contexto de sua rotina nos grupos armados, assim como após o conflito. O conceito de dualidade de estrutura auxilia na compreensão das experiências de formação dos jovens como combatentes: na medida em que usaram a estrutura e interações sociais a sua volta como fonte, eles acabaram reproduzindo esses aspectos, mesmo que de formas diferentes e individuais (DENOV, 2010).

Mesmo que o desejo de reforma e mudança tenha sido a motivação de muitos dos jovens combatentes voluntários em Serra Leoa, os mesmos não pareciam saber dar uma definição clara e determinada à reforma que buscavam. Não havia conhecimento suficiente sobre a causa a que estavam se juntando. Mesmo nos casos em que crianças ou jovens se tornaram soldados vingança ou cobiça, o conhecimento que elas afirmaram ter pode ser definido como "consciência discursiva" (GIDDENS, 1984). Elas não estavam cientes das consequências e ramificações dos papéis que assumiram. A maioria das crianças vieram de comunidades extremamente pobres e que não apresentavam perspectiva alguma para o futuro. A noção clara das consequências a longo prazo e implicações de se tornarem soldados não existia para elas. A partir dessa perspectiva elas não podem ser vistas como agentes conscientes, pois não possuíam o nível de conhecimento sobre a estrutura necessário para

constituir agência, e a estrutura por sua vez não existe independentemente do conhecimento que os agentes têm sobre o que fazem em sua rotina (GIDDENS, 1984).

As crianças que se juntaram ao conflito voluntariamente não possuíam autonomia sobre as consequências a longo prazo ou benefícios de se tornarem soldados. Elas não estavam em posição em que era possível calcular ou manipular relações de poder (HONWANA, 2006), por isso se entende que se juntar a um grupo armado não foi uma estratégia. Dessa forma, as crianças soldado de Serra Leoa foram agentes táticos.

Uma criança soldado recrutada voluntariamente implica em uma decisão e uma ação. A criança se torna um agente quando, além de possuir uma intenção, a mesma executa a capacidade e poder de decidir (GIDDENS, 1984). Mas a capacidade de realizar uma ação não pode estar desconectada do contexto do indivíduo que toma a decisão, a agência exercida não pode ser compreendida à parte da estrutura (GIDDENS, 1984). A situação que cerca a criança é fundamental para determinar a agência. Quando a maior parte do país vive abaixo da linha de pobreza, não tem acesso à educação de base e é constituída por uma população grande de jovens, decidir se juntar às forças armadas não pode ser visto como uma decisão isolada. A "crise da juventude" originada pelas condições socioeconômicas em Serra Leoa foi um fator chave para a entrada de crianças em grupos armados. Como já foi mencionado, a estrutura e o agente se constituem mutuamente. A estrutura em que o agente funciona e o conhecimento sobre essa estrutura influênciam as escolhas tomadas pelo indivíduo. É um equívoco considerar crianças soldado como agentes diante dessas circunstâncias, pois elas não possuíam conhecimento sobre a estrutura necessário para influenciar qualquer processo ou situação em seu sistema social (GIDDENS, 1984).

De acordo com Honwana, esses jovens combatentes possuem uma "agência tática", criada para lidar e maximizar as circunstâncias concretas e imediatas do ambiente militar em que precisam operar, ao contrário de uma "agência estratégica", que requer um entendimento

das consequências e muitas vezes uma expectativa enriquecimento pessoal (HONWANA, 2006). Vivendo em uma realidade de guerra, cercadas de pobreza, na maioria das vezes sem apoio ou cuidado familiar, como difícil acesso a comida e educação, a decisão de crianças de se tornar soldados pode ser vista como tática de sobrevivência.

De acordo com essa lógica, essas crianças agiram a partir de uma posição de fraqueza, não possuíam uma base de poder dentro dos limites do território militarizado onde viviam. Sua agência tática funcionava na medida em que capturavam as oportunidades que surgiam. Ao analisar os relatos de crianças soldado, é possível notar que foram capazes de criar seus próprios mundos mesmo no contexto de violência política e terror em que operavam, ao encontrar espaços para conversas secretas sobre seus lares e famílias, brincadeiras e distrações. Ainda mais importante, elas foram capazes de modificar as atividades militares que esperavam que exercessem, ao enganar seus superiores com identidades falsas, planos de fuga, e doenças falsas, tudo para que fosse possível escapar de missões perigosas. Dessa forma, é simples compreender porque crianças que foram recrutadas relatam como viver ou morrer, matar ou ser morto, era determinado por fatores aleatórios que não podiam prever ou controlar. Elas agiam no momento, sem uma lógica estratégica que fizesse sentido em suas trajetórias. Crianças soldado podiam matar em uma ocasião e demonstrar misericórdia em outra (HONWANA, 2006).

Uma proporção substancial de crianças que serviram como combatentes tinham total noção das atrocidades que cometeram, e algumas até excediam as demandas de suas missões militares. Algumas agiam por vingança, ganância, imaturidade, impulsividade, e também pela esperança de serem premiadas por seus comandantes. Atos de agressividade contra o inimigo poderiam ser recompensados com a amizade e proteção dos comandantes. Muitos desses jovens combatentes não mais possuíam perspectivas de voltar para casa após atacar e queimar vilarejos, assassinar civis indefesos e roubar comboios de alimento. Sentiam como se

estivessem presos à vida como membros da milícia para sempre. Aqueles que foram recrutados muito novos, alguns aos 5 ou 6 anos de idade, nunca tiveram a chance de desenvolver qualquer ideia de vida fora do contexto da guerra. Eles eram muito jovens quando foram levados pelos grupos armados e a guerra durou muito tempo. O recrutamento prematuro forçou essas crianças a crescer dentro de uma cultura de violência e terror, a guerra e vida militar era tudo que conheciam, e dessa forma procuraram fazer o melhor de suas experiências. Assim, essas crianças foram agentes táticos conscientes que reagiram às demandas e pressões de suas experiências militares. O conceito de agência tática é melhor ilustrado quando se explora os processos de formação e ressocialização pelos quais passam as crianças soldado, e a importância de suas decisões no desenrolar do conflito.

## 2 – O PROCESSO DE SE TORNAR UM SOLDADO E INFLUÊNCIA DAS “NOVAS GUERRAS”

### 2.1 Contexto da guerra civil de Serra Leoa

Serra Leoa, ex-colônia britânica, é um país pequeno na costa oeste da África com grandes reservas de diamantes e uma história pós-colonial de corrupção. Sua guerra civil, que durou de 1991 a 2002, chamou a atenção de observadores internacionais pelas representações da mídia sobre as táticas de terror praticadas pelos combatentes contra vítimas civis e pelo grande número de menores de idade recrutados. Segundo o Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas, Serra Leoa representa o número 181 na lista de 188 países e territórios, caracterizando uma das mais baixas taxas de pobreza no mundo (UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAM, 2015). Os antecedentes dessa realidade estão intimamente ligados a um histórico de colonização, as consequências de um governo corrupto e o colapso

de instituições no país. Estagnação econômica, altas taxas de desemprego e desgaste da sociedade civil foram o resultado da má administração do governo, e essas circunstâncias levaram ao forte descontentamento, principalmente da população jovem, criando a receita para a guerra civil que resultou em cerca de 70.000 mortes (DENOV, 2010).

Milhares de crianças foram recrutadas no conflito, tanto pelas forças rebeldes quanto pelas forças armadas do governo nacional. O número de crianças reportadas como envolvidas no conflito varia de acordo com a fonte e organização, e essas discrepâncias podem ser resultado das diferentes definições de ‘criança soldado’, já que algumas organizações contabilizam apenas aquelas que participaram dos combates. A Missão de Paz da ONU em Serra Leoa indica que 10.000 crianças foram envolvidas nos vários grupos armados, enquanto a UNICEF estima que 6.000 participaram do conflito (SIERRA LEONE TRUTH AND RECONCILIATION COMMISSION 2004, p.235). De qualquer forma, não é possível calcular o número exato de crianças envolvidas com grupos armados, já que muitas podem ter morrido durante a guerra o escapado antes de serem identificadas.

Os antecedentes estruturais da guerra têm profundas raízes históricas, datando da comercialização de escravos no Atlântico. A capital, Freetown, foi fundada com o objetivo de ser tornar um lar para ex-escravos do Império Britânico. A grande quantidade de escravos com origem em Serra Leoa deixou um legado pós-escravidão muito profundo (DENOV, 2010). A pobreza, desigualdade e dependência social da população que foram resultado desse período se replicaram por gerações. Os ingleses governavam indiretamente, dividindo a região em ‘chefias’, o que apenas intensificou a desigualdade da população, já que os chefes faziam parte das famílias da elite e eram os únicos com acesso a benefícios econômicos e sociais. Esse sistema de duas classes não era propício para instaurar uma base democrática, e não encorajava a sociedade a desenvolver um senso de nação.

Com a independência em 1961, os novos líderes políticos foram deixados com a tarefa de acabar com o autoritarismo, para implementar uma democracia parlamentar e conceitos como direitos humanos, tolerância e transparência, aspectos até então ignorados (DENOV, 2010). Em 1967, Siaka Stevens se tornou o Primeiro Ministro e mais tarde presidente em 1971, quando o país foi declarado república. Como chefe de estado (1968-1985) e líder do Congresso de Todos os Povos, o partido político dominante, a administração de Stevens foi marcada por corrupção, repressão e exclusão. Seu poder foi consolidado em um governo unipartidário que nacionalizou as minas de diamantes, beneficiando políticos corruptos e investidores internacionais. Durante esse período, a situação econômica de Serra Leoa começou a declinar drasticamente.

Diante da crescente frustração por parte da população com o governo de Stevens, particularmente entre os jovens, o ex-soldado do exército de Serra Leoa, Foday Sankoh, apoiado por Charles Taylor da Libéria, formou a Frente Revolucionária Unida (FRU). Como um grupo de guerrilha rebelde, a FRU primeiramente mobilizou a classe jovem socialmente excluída com o propósito de derrubar o regime vigente. Em 1991, após receber apoio militar da Libéria, os rebeldes lideraram seu primeiro ataque, tomando controle de algumas minas de diamantes. O presidente na época, Joseph Momoh procurou aumentar a segurança nos territórios sob ataque da FRU. Contudo, apesar da ameaça rebelde, o governo de Momoh já estava em processo de colapso (DENOV, 2010).

O presidente já não pagava os salários de muitos funcionários públicos, inclusive dos soldados. Uma parte do exército executou um golpe militar, que tirou Momoh do poder. O conselho nacional de regulamentação provisório criado pelos soldados provou ser tão corrupto quanto o governo anterior. A FRU continuou seus ataques contra o governo, que passou a aumentar o exército para lidar com os rebeldes. Os novos recrutas eram jovens pobres vindos de zonas rurais e mercenários.

A falta de confiança nos soldados do governo e o terror instaurado pela FRU levou a criação das Forças de Defesa Civil, grupos de homens locais que procuravam proteger civis inocentes e lutar contra os rebeldes quando o governo não era capaz ou não desejava fazer o mesmo. Os membros das Forças de Defesa Civil eram conhecidos como ‘kamajors’, palavra que significa ‘caçador’ na língua do povo Mende. Os kamajors eram conhecidos por serem invencíveis e possuírem poderes místicos e sobrenaturais e eram temidos por muitos dos rebeldes da FRU (FERME E HOFFMAN, 2004).

Com as forças conjuntas das Forças de Defesa Civil e o exército do governo, operações contra a FRU começaram a obter mais sucesso. Assim, as atenções se voltaram para a substituição da junta militar por um governo democraticamente eleito. As notícias de uma nova eleição inflamaram mais ainda as hostilidades por parte da FRU, que exigiam o boicote das votações e utilizaram de diversas táticas de terror contra civis, inclusive a amputação de membros de milhares de pessoas, como forma de alertar os eleitores (DENOV, 2010). Apesar dos esforços da FRU, as eleições aconteceram em 1996 e levaram ao poder Tejan Kabbah, do Partido do Povo de Serra Leoa.

Negociações de paz entre o governo e os rebeldes foram iniciadas e duraram meses, porém se tornou claro que Sankoh não tinha intenção em honrar os acordos propostos, talvez por conta dos benefícios econômicos trazidos pela guerra aos líderes da FRU. Em 1997, um novo golpe de estado liderado por um grupo de soldados do governo libertou centenas de prisioneiros em uma penitenciária de Freetown, trazendo caos completo para as ruas da cidade. O líder escolhido para a nova junta militar que tomou o poder foi Johnny Paul Koroma, ex-major do exército. A primeira ação significativa de Koroma foi anunciar a inclusão oficial da FRU no governo.

Com a prisão de Sankoh na Nigéria por contrabando ilegal de armas, Koroma se tornou líder da FRU, enquanto negociava a incorporação de comandantes de grupo nos

gabinetes do governo. A nova junta militar instaurada não foi reconhecida legitimamente por nenhuma organização internacional ou governo, e foi tirada com sucesso do poder pela ação conjunta do Conselho de Segurança das Nações Unidas, da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental e das forças dos kamajors. Os ataques liderados pela FRU só começaram a diminuir a partir de 2000, com uma série de fatores que levaram ao enfraquecimento do grupo rebelde. Esses fatores incluíram a diminuição do apoio da Libéria, que sofria embargos pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas e o grande aumento no número de pacificadores na Missão de Paz da ONU em Serra Leoa, além de um cansaço interno nas fileiras do grupo. A guerra chegou ao seu fim oficial em janeiro de 2002.

A formação de uma criança como membro de um grupo armado é, sem dúvida, um processo complexo envolvendo diversas nuances. Como já mencionado, todos os grupos combatentes que participaram da guerra civil de Serra Leoa utilizaram crianças soldado em suas tropas, mas daremos destaque a Frente Revolucionária Unida (FRU) neste trabalho, por ter sido o grupo que mais recrutou crianças. O contexto do processo de militarização da FRU é de grande importância para que se compreenda a transformação pela qual passaram os jovens recrutados no conflito, examinando as estratégias do grupo para garantir sua lealdade e obediência.

Outra perspectiva a ser analisada está relacionada às razões por trás do recrutamento de crianças por parte de grupos armados, tópico pouco trabalhado na literatura sobre o tema. Apesar de questões estruturais como pobreza, má administração do estado, colapso de instituições, e etc., é importante analisar as vantagens estratégicas que acompanham o uso de crianças militarizadas.

## 2.2 Doutrinação e treinamento

Com a militarização gradual da sociedade de Serra Leoa, e o estado de conflito constante e insegurança da população no país, crianças vivenciaram formas de militarização antes do recrutamento por parte dos rebeldes. Contudo, ficou claro que essas experiências de insegurança e militarização tomaram proporções extremas ao serem separadas de suas famílias e comunidades ao se juntarem a FRU.

Após sua entrada na Frente Revolucionária Unida (FRU) crianças eram geralmente introduzidas em um processo forçado de doutrinação e treinamento militar. Sessões de doutrinação que consistiam em discursos periódicos sobre a necessidade de derrubar o governo de Serra Leoa, eram formuladas para encorajar os jovens a serem receptivos a causa rebelde e lutar em sua defesa. Promessas de benefícios políticos, sociais e financeiros para todos os soldados da FRU eram alguns dos incentivos mencionados nesses discursos. Uma retórica revolucionária e promessas de um futuro melhor foram passadas para os jovens recrutas regularmente nos campos militares. Separadas de suas famílias, com pouca experiência educacional e perspectivas de emprego, tornando-se cada vez mais dependentes de seus comandantes para sobreviver, muitas crianças foram levadas a pensar que seus novos laços dentro da FRU tornariam possível obter riquezas materiais e melhor status social.

Removidas de suas próprias estruturas comunais de suporte, que muitas vezes haviam sido destruídas pelos rebeldes, crianças gradualmente passaram a enxergar seus captores como fontes de ajuda e direcionamento. Durante o conflito, a FRU encorajou crianças a assumir posições de liderança, agindo como modelos de conduta para outros recrutas, tática denominada como “peer mentoring” na literatura sobre o tema. Esses jovens mentores eram aqueles que faziam parte do grupo rebelde por um período de tempo e eram considerados confiáveis o suficiente para liderar outros soldados e também recrutar mais membros,

ajudando a persuadir outras crianças a se juntarem a causa. Conceder papéis de autoridade e importância para jovens recrutados se tornou uma forma eficiente de socialização que ajudava a superar o choque e medo que muitos sentiam após suas primeiras experiências com a FRU.

Com o tempo, em parte como um resultado de premiações e benefícios concedidos pelos comandantes, muitas crianças que haviam sido vítimas de captura pelo movimento rebelde eventualmente passaram a se identificar como verdadeiros combatentes da FRU. Com praticamente nenhuma possibilidade de interação social fora dos limites do grupo armado, a ideia de “inimigo” mudou, talvez até imperceptivelmente, daqueles que eram os captores e agressores para aqueles que se opunham ao movimento rebelde (DENOV, 2010).

O processo de treinamento gira em torno de transformar crianças, até então civis relativamente autônomos, em soldado que se submetem às regras do grupo. Qualquer grupo armado exige obediência, já que quebrar as regras (como por exemplo, fazer barulho ao se mover no território inimigo) pode prejudicar o grupo inteiro (WESSELLS, 2006). Acima disso, quebrar as regras desafia a hierarquia do grupo e sua estrutura de comando. Dessa forma, a FRU subjugava seus recrutas através de um processo criado para romper seu senso de autonomia, tirando sua conexão com a vida que tinham anteriormente, estabelecendo alto nível de controle. O objetivo era atingido através do ensinamento de regras que eram asseguradas por punições violentas. A forma como as crianças viam essas punições podia depender da forma como entraram no grupo armado, já que as que foram capturadas a força tendiam a enxergá-las como horrendas e injustas, mas aquelas que se juntaram voluntariamente podiam ter uma opinião diferente quando aceitavam a ideologia e regras do grupo.

Além do processo sistemático de doutrinação e aculturação dentro das forças rebeldes, novos recrutas também recebiam treinamento no uso de pequenas armas. Estrategicamente situados, pela maior parte dos anos 90, nos territórios ricos em diamantes do leste de Serra

Leoa, os líderes da FRU logo se envolveram no tráfico global de pequenas armas que os possibilitou treinar e transformar crianças em soldados eficientes. Para alguns, o processo de aprender como agir num conflito armado foi relativamente lento e metódico. Para outros, o treinamento com armas foi extremamente rápido e implacável, apenas com demonstrações básicas antes de serem enviados ao combate. De qualquer forma, o objetivo era a participação do maior número de recrutas possível nos conflitos armados (garotos e homens em sua maioria, mas muitas recrutas do sexo feminino também atuaram em combate), para incitar caos e terror em nome do movimento rebelde.

### 2.2.1 Terror e dessensibilização

Enquanto doutrinação, “peer mentoring” e treinamento militar básico eram parte da aculturação dos jovens recrutas no sistema social da FRU, o processo era reforçado por uma atmosfera de terror constante. Como é possível observar através das entrevistas feitas com ex-soldados, a realidade de ameaça e perigo diário se manifestava através de abuso verbal e físico, além de atos de crueldade arbitrária, que serviam como base da autoridade e coesão dentro do grupo. Violência era um elemento diário na vida das crianças soldado em Serra Leoa, e garantia o medo e obediência entre os jovens recrutas. Diante de violência constante e ameaças de abuso, mutilação e morte, a reação primária entre os jovens era a de sobrevivência. Isso significava obedecer todo e qualquer comando.

Contudo, gradualmente o horror vivido durante o período inicial com a FRU tendia a diminuir na medida em que o comportamento violento se tornava comum e assumia uma face de normalidade. Com o tempo, o terror deu lugar a dessensibilização das crianças e jovens adultos, imersos em um ambiente que racionalizava violência e crueldade. Ao se acostumarem com a violência a sua volta, a maioria dos garotos e garotas foi capaz de se

tornar soldados eficientes, com pouco ou nenhum remorso pelo sofrimento que infligiam. As crianças soldado na FRU participaram frequentemente nos combates armados e em outras formas de agressão na guerra que incluía roubar, queimar vilarejos, e assassinato, mutilação e tortura de civis.

Um fator crítico que contribuiu para a dessensibilização dos soldados durante sua longa exposição à violência foi o uso de drogas, facilmente acessíveis através do tráfico de diamantes. O uso de álcool, cocaína e pólvora era comum como forma de preparar as crianças para o combate. Essa prática definitivamente auxiliou a remover a sensibilidade das crianças com relação aos abusos que sofriam, presenciavam e também perpetravam. Estar sob o efeito de drogas e álcool facilitava a transição de crianças desorientadas e impressionáveis para combatentes eficientes. Ao diminuir os impactos causados pelas mortes e agressões tão presentes no dia a dia, as drogas também contribuíram para inserir as normas de violência e terror nas consciências das crianças, dessa forma incitando os mesmos a se comportar de forma a reforçar a ferocidade do movimento rebelde.

### 2.2.2 Solidariedade e empoderamento

Uma vez sob o controle da FRU, gradualmente internalizando as normas do sistema do grupo, a maioria das crianças soldado passaram a enxergar a FRU como uma família substituta e a si mesmos como membros do movimento. Esse foi um aspecto importante da experiência com o grupo armado, pois como suas relações com a família e comunidade haviam sido destruídas, suas identidades e ações passaram a se conectar ao grupo rebelde. Além de atuarem em combate e outras formas de agressão, as crianças também exerciam papéis de suporte e realizavam tarefas de acordo com sua idade, força física e tempo no grupo. Essas tarefas incluía buscar água e madeira para fogueiras, serviços de guarda e

espionagem, carregar armas e suprimentos, e etc. Realizar estas tarefas de suporte ao grupo que eram essenciais para o funcionamento do movimento rebelde contribuiu para o senso de valor pessoal e importância desses jovens.

Outra forma de reforçar a solidariedade e garantir a lealdade dos jovens recrutados ao grupo era através de tatuagens, geralmente feitas como um ato coletivo após sucesso em uma batalha, quando o humor estava otimista. As tatuagens retratavam palavras e imagens de brutalidade, reafirmando coragem individual e a ferocidade da FRU, mas também serviam como uma espécie de controle social, para demarcar limites entre aqueles que eram membros e faziam parte do movimento, e aqueles que representavam “o inimigo” (kamajors, ECOMOG e o exército de Serra Leoa) que ameaçava a existência do grupo. (MACLURE E DENO, 2006).

Conceder prêmios e promoções também era um método eficiente de fortalecer a solidariedade e orgulho coletivo dentro da FRU. Geralmente, quanto mais agressivo fosse o soldado, mais oportunidades ele recebia de demonstrar sua agressividade, saquear vilas e capturar mais crianças. A promoção para o posto de comandante era o feito de maior sucesso entre os soldados do grupo rebelde, e uma fonte de privilégio e orgulho, que permitia maior acesso a bens materiais, poder e também escravas sexuais. Eventualmente, as crianças soldado se tornavam profundamente cientes de seu próprio poder. Esse senso de autoridade sobre outros (unidades de outros jovens combatentes, meninas e mulheres, vítimas civis) foi imensamente reforçado pela posse de armas e suas habilidades com elas. Para crianças que vivenciaram profunda marginalização e exclusão, tanto antes quanto durante a guerra, promessas de elevação de status e ganhos econômicos eram muito atraentes (DENO, 2010).

Dessa forma, é possível compreender como o processo para se tornar uma criança soldado envolve uma passagem do status de recruta desorientado e assustado para o de

combatentes implacáveis e impiedosos munidos de forte senso de pertencimento e poder. Esse processo conseguiu, de forma eficiente, perpetuar o sistema social violento da FRU.

### 2.2.3 Educação política

Reeducação política também foi usada para converter recrutas capturados à força. Muitos jovens não acreditavam em lutar contra o governo antes de entrarem para FRU, mas passaram a se identificar com a causa quando foram convencidas pelos comandantes do grupo através de seus discursos contra as injustiças do governo de Serra Leoa. Dessa forma, para alguns recrutas, o treinamento criou um despertar político que os posicionou com relação ao conflito e lhes deu um comprometimento com uma causa maior. Os métodos de propaganda política e militar usados pelo grupo rebelde também contavam com a vantagem de se propagarem em um ambiente isolado. Vivendo nos campos rebeldes, longe de suas comunidades e outras fontes de informação, expostos ao fervor revolucionário diariamente, jovens recrutas tendem a acreditar no que lhes é ensinado dentro do grupo.

Outra tática utilizada nesse processo de educação política era o uso de mídias que glorificassem a imagem da guerra e demonstrassem táticas militares básicas. Um exemplo foram os filmes de Rambo, usados pela FRU para estimular as crianças soldado antes do combate, e para ilustrar táticas básicas de guerrilha na selva. Muitos recrutas da FRU, que lutaram em parte por acreditar que o governo falhou em prover educação básica, encontraram um significado maior nas mensagens dos filmes de indignação para com a exclusão social, e a violência como meio de corrigir uma ordem social injusta. Reproduzindo o que viam nos filmes, muitos jovens combatentes usavam faixas na cabeça e adotavam apelidos que faziam referência ao personagem Rambo (RICHARDS, 1995).

O treinamento não envolve apenas uma série de atividades impostas aos recrutas, mas também um processo de reestruturação interna de crenças, atitudes e objetivos. Esse processo se traduz na ressocialização, através das interações com outros membros e as decisões tomadas pelos recrutas no contexto do grupo armado. Crianças são participantes ativos que auxiliam umas as outras a moldar suas crenças e discursos durante suas experiências como soldados. Ao discutir seus propósitos e o significado do movimento rebelde, elas debatem estratégias e analisam como devem tratar a população civil, entre outras coisas. A educação que lhes é transmitida pelo grupo, e aquilo que discutem entre si, produzem mudanças internas e externas nas crianças soldado. Internamente, mudanças de atitude e comportamento podem ocorrer na medida em que crianças desenvolvem um novo entendimento do que é o conflito e se o mesmo é justificável. Esse entendimento guia suas decisões sobre o papel que assumem. Externamente, pressões profundas são introduzidas para atingir obediência, e crianças soldado estão sempre suscetíveis a essas pressões em suas diversas formas, muito mais potentes quando se considera o quanto essas crianças dependem do grupo armado para sobreviver (WESSELLS, 2006).

### 2.3 “Novas guerras”: conflitos característicos do pós-Guerra Fria

Com o fim da Guerra Fria, no início dos anos 1990, e conseqüentemente o encerramento das instabilidades entre as duas grandes potências da época (EUA e União Soviética), os Estados pertencentes ao Sul global - a periferia do sistema internacional - começou a enfrentar fragilidades e vulnerabilidades devido a novos conflitos que surgiram nos seus territórios.

Segundo a Kaldor (1999),

Costuma-se argumentar que as novas guerras são uma consequência do fim da Guerra Fria; elas refletem um vácuo de poder que é típico de períodos de transição nos assuntos mundiais. É sem dúvida verdade que as consequências do fim da Guerra Fria - a disponibilidade de armas excedentes, o descrédito das ideologias socialistas, a desintegração dos impérios totalitários, retirada do apoio a regimes clientes superpotência - contribuiu de forma importante para as novas guerras (KALDOR, 1999).

A noção de ameaça à segurança estatal se modificou substancialmente com o fim do conflito bipolar, visto que cada vez menos a ameaça à soberania estatal é um fator externo, mas sim fruto de questões internas de cunho econômico, social, ambiental e humanitário, que passaram a emergir cada vez mais como novos campos de interesse das agendas de segurança. No contexto de fragilidade da autoridade estatal e de novas ameaças que emergem, conflitos contemporâneos devem ser entendidos no processo de globalização, considerando a intensificação das interconexões globais, sejam elas políticas, econômicas, militares ou culturais (KALDOR, 1999).

O Estado Nação, que anteriormente possuía o a grande parte monopólio legítimo da violência, acaba sendo introduzido em uma nova dinâmica de poder, onde o uso da força pode ser privatizado por grupos paramilitares, crime organizado, mercenários ou outros grupos armados. Essa transferência decorre da presença de novos atores, que acabam por controlar a população devido ao vácuo de poder deixado pela fragmentação da autoridade estatal (KALDOR, 1999). Esses novos atores não agem mais de acordo com objetivos ideológicos, como nas guerras modernas e na Guerra Fria, mas sim por razões étnicas, religiosas ou até mesmo de diferenças de identidades. As táticas que empregam a fim de alcançar suas aspirações geralmente são baseadas no medo, no terror à população, limpeza étnica, expulsão da população que não pertence à determinada identidade ou religião, além da destruição da

localidade, tornando-a inabitável – física e psicologicamente – pois hospitais, construções, escolas e até mesmo a cultura e tradições locais podem ser destruídas (KALDOR, 1999).

Duas características que aparecem constantemente nas táticas militares dos conflitos contemporâneos são a não distinção entre combatentes e civis, e a utilização de tecnologia de ponta, com baixo custo de compra e manutenção, e armamentos leves. Em ambos os casos ocorrem graves ataques à população civil, visto que não havendo a distinção de combatentes e não combatentes, qualquer indivíduo é passível de participar do combate, assim como qualquer pessoa, inclusive crianças, pode fazer uso de armas leves, mas que possuem um alto grau de destruição. A economia de guerra, por fim, é um elemento fundamental na diferenciação das guerras anteriores ao fim da Guerra Fria para as guerras contemporâneas. No primeiro caso a economia era centrada no Estado, sendo este autossuficiente, e à medida que os recursos se esgotavam até a maximização do uso da força, o conflito também se encerrava, sendo do lado vencedor ou do perdedor. Nas novas guerras, todavia, com a falência do Estado, a fraca economia, os recursos acabam sendo dependentes de meios externos e descentralizados do Estado (KALDOR, 1999).

O fenômeno de uso de crianças soldado em conflitos armados, portanto, aparece cada vez mais constantemente nos conflitos pós Guerra Fria e acabam por fazer parte da mudança, surgindo na agenda de segurança do sistema internacional, que com o passar dos anos, aborda questões mais humanitárias de proteção a civis e crianças. Em virtude do uso de crianças soldado violarem os direitos humanos, de menores serem utilizados como escudo humano frente ao inimigo, e das tropas de pacificação hesitarem em abrir fogo contra crianças, se observa uma necessidade especial em discutir o combate ao emprego de menores em conflitos armados.

### 3 – CRIANÇAS SOLDADO COMO TÁTICA MILITAR E A DINÂMICA DAS MENINAS SOLDADO

#### 3.1 O uso de crianças soldado como tática militar

Crianças são frequentemente usadas como peões durante conflitos contemporâneos. Forçadas a vivenciar conflitos, manipuladas, abusadas, tiradas de suas famílias, tudo pela causa daqueles que lutam. O conflito armado em Serra Leoa é um caso extremo, em que todas as partes envolvidas usaram crianças como apoio militar e soldados. Crianças foram usadas de diversas formas e uma série de limites morais foi quebrada. Forças dentro e fora do governo contribuíram para o fenômeno, e pouca ajuda foi oferecida pela comunidade internacional para por fim a essa prática. Boa parte da literatura sobre crianças soldados enfatiza a narrativa de que dinâmicas estruturais, como pobreza, desemprego ou um estado falido, são os aspectos principais para a causa do fenômeno. Contudo, não são muitos os trabalhos que discutem sobre o uso de crianças soldado como tática de guerra. Se um movimento insurgente possui a necessidade tática para tanto, o uso de crianças soldado é uma ferramenta que pode ser escolhida. Existem, no entanto, obstáculos que surgem com a decisão de se utilizar crianças como ferramenta militar, pois tal decisão se choca com limites morais aceitos pela maioria das culturas no mundo. Quando uma força armada ultrapassa esse limite moral, ela rompe com um mecanismo de controle social, e isso é um custo que se deve considerar.

Apesar das consequências, essa tática pode gerar benefícios, pois se o grupo está disposto a transgredir esses limites morais, ele ganha acesso a novas formas de poder. Quando o poder em questão vale mais do que os custos gerados por quebrar normas sociais, o uso de crianças soldado pode acontecer. O uso de crianças militarizadas em Serra Leoa mostra pelo menos três aspectos que fazem a análise de custo/benefício pender para uma vantagem, ou

oportunidade política: amplificação de tropas, dilemas morais, e alocação do medo. O caso de Serra Leoa também revela uma dinâmica de interação tática ou uma reciprocidade do uso de crianças soldado pela oposição com o objetivo de contra-atacar o poder da tática. Além disso, a guerra em Serra Leoa expõe uma dinâmica mais profunda de ruptura social, ou de uma tentativa de destruir estruturas sociais pré-existentes (TYNES, 2011).

O uso de crianças militarizadas demonstrou ser uma fonte de oportunidade política para quem decidisse incorporá-las aos seus ranques durante o conflito. A questão da amplificação de tropas era a mais evidente no início da guerra, nas primeiras invasões lideradas pela FRU. Amplificação de tropas se refere ao aumento no tamanho da tropa ou de sua capacidade. Enquanto o aumento de tamanho está relacionado a ganhar mais números, maior capacidade se relaciona com o aumento de poder dos combatentes através de treinamento ou uso tático. O aspecto referente à capacidade se torna mais importante quando se analisa a situação de grupos insurgentes pequenos que procuram maximizar seu poder contra forças estatais maiores (TYNES, 2012).

A FRU atacou o distrito de Kailahun, em Março de 1991, iniciando a guerra com aproximadamente 100 combatentes há centenas de quilômetros de distância da capital, Freetown. Poucas tropas do governo estavam localizadas nessa região rural. Logo depois, os rebeldes atacaram outra vila, dessa vez com 300 soldados. Ambas as invasões envolveram saques, destruição de propriedade e assassinato de civis. O grupo rebelde conseguiu construir suas tropas rapidamente através de recrutamento forçado, preparando-se para o contra-ataque do exército de Serra Leoa (DENOV, 2010). As forças do governo também precisariam de mais tropas para combater os rebeldes, e o uso de crianças como soldados se tornou a resposta para essa questão. As altas taxas de mortalidade, condições precárias de serviço e salário escasso eram algumas das condições que desencorajavam os homens adultos em Serra Leoa a se alistarem voluntariamente tanto nas forças do governo quanto nas forças rebeldes. Dessa

forma, é possível argumentar que crianças foram recrutadas por necessidade e pela praticidade, aumentando os números das tropas e ganhando oportunidades políticas e militares no processo.

O segundo componente de oportunidade política se refere a dilemas morais. Um dilema moral se traduz em um evento onde um indivíduo precisa escolher entre duas ou mais opções, nenhuma delas, quando escolhida, maximizando utilidade. Decidir um curso de ação gera uma implicação positiva e uma negativa, algo que pode ser aplicado ao conflito armado em Serra Leoa. Quando se confronta uma criança soldado em combate, valores socioculturais são introduzidos na decisão. Um soldado pode se defender, matando a criança que o ameaça, o que significa que preservar sua vida é o resultado positivo. O resultado negativo, aquele que induz ao dilema moral, é o de que o soldado matou uma criança, o que se choca com normas socioculturais e leva a sanções sociais e pessoais (TYNES, 2012).

Dessa forma, incorporar crianças nos ranques se prova diferente de incorporar adultos, pois crianças são mais difíceis de confrontar em combate. Na guerra civil em Serra Leoa, está mesma tática foi aplicada, a utilização de jovens soldados como ameaça a sistemas sociais que possuem fortes normas de proteção à criança. O peso psicológico gerado por esse dilema moral pode tornar o soldado mais lento e hesitante em combate, e conseqüentemente mais vulnerável. Crianças soldado representam um obstáculo nos procedimentos comuns de soldados em combate, criando oportunidades para o inimigo.

O terceiro componente de oportunidade política é a alocação do medo. Isso ocorre quando um grupo rebelde ou qualquer tipo de força armada vai além dos limites da guerra e tenta usurpar o monopólio do uso legítimo da força do estado. Assim como o terrorismo pode ser usado por insurgentes como ferramenta estratégica, é possível relacionar as táticas das forças combatentes em Serra Leoa como meios de impor suas vontades sobre a população, controlando seu comportamento ao espalhar medo. Dessa forma, um grupo armado pode

exercer controle social, através de meios psicológicos, tomando para si a autoridade do estado sobre seus civis. O medo, como ferramenta estratégica, se torna maximizador de força e capacidade de ameaça. Crianças soldado, em específico, são capazes de infligir medo em seus adversários por conta da noção de que são destemidas e de que desprezam o valor da vida humana (TYNES, 2011). A FRU instrumentalizou o terror como tática de alocação do medo, dando as suas forças armadas o poder de ameaça maior.

O resultado do uso dessa tática durante o conflito foi uma população desmobilizada e controlada, com jovens soldados sendo uma das ferramentas de terror utilizadas. A prática de drogar crianças soldado também reforçou o poder da FRU, pois elas eram vistas pela população civil como descontroladas e imprevisíveis, induzindo um temor e desconfiança na sociedade que perdurou após o fim da guerra. Muitos civis acreditaram que receber de volta crianças que haviam atuado como combatentes no conflito era inseguro, pois poderiam trazer problemas para a comunidade. Ao transformar crianças em soldados, os rebeldes tomaram para si toda a autoridade do governo e das famílias sobre elas. Os adultos não detinham mais o controle, e dessa forma os rebeldes foram capazes de inibir o comportamento dos civis, tornando menos provável que reagissem aos seus avanços. Como forma de interação tática, as outras facções envolvidas no conflito também recrutaram crianças com o objetivo de recuperar o poder tomado pela FRU. Ao incorporar jovens combatentes em suas tropas, as forças armadas do governo e guerrilhas civis como os kamajors procuraram tomar os recrutas em potencial da FRU, diminuindo os números disponíveis, e ganhar a vantagem social e psicológica que a prática oferecia.

Outro ponto a ser considerado se refere aos incentivos para a adesão de soldados a um grupo armado. Membros de um grupo militar podem se manter ligados a organização através de certos incentivos, como força e violência, solidariedade, ganhos econômicos, etc. Quando se trata de recrutamento forçado, força e violência são os incentivos para a adesão a princípio,

mas outras formas de incentivo podem ser usadas para reduzir as chances de recrutas abandonarem o grupo. Nesse sentido, crianças e adultos podem divergir. Crianças conseguem criar vínculos com o grupo mais facilmente, e como resultado elas podem “superar” mais rápido o recrutamento forçado, diminuindo o número de desertores quando comparadas a adultos na mesma situação.

### 3.2 Meninas soldado

Nesta parte final do trabalho, focaremos nos discursos sobre as nuances únicas presente nas experiências vividas por meninas soldado, e a forma como seus papéis durante a guerra são fluidos e diversos. A realidade de meninas na guerra é multidimensional e contraditória, e vai muito além da violência relacionada ao gênero, na medida em que precisam negociar e renegociar sua segurança e bem-estar em um contexto extremamente instável. Uma boa parte das narrativas mais populares torna a participação de meninas e mulheres invisível na guerra, falhando em compreender sua importância vital como agentes.

Conscientização pública do impacto que conflitos armados têm sobre crianças focam quase que completamente em meninos e jovens garotos, assim como programas governamentais, não governamentais, e internacionais para desmobilizar e reintegrar combatentes na sociedade. Meninas e jovens mulheres geralmente se tornam mais visíveis nas notícias sobre guerras civis como civis vítimas de grupos rebeldes. Elas se tornam parte de categorias e relatórios estatísticos que agregam também adultos de ambos os sexos. Porém, as experiências dessas garotas que tiveram suas famílias e meios de sobrevivência e educação destruídos, possuem características distintas relacionadas tanto a sua idade quanto ao seu gênero. Fora das zonas de conflito, seu envolvimento direto com as forças militares é ainda menos abordado pela mídia, que opta por focar no aspecto dos abusos sexuais sofridos por crianças soldado do sexo feminino. Embora esse aspecto seja de extrema importância e

destaque na análise dessas experiências – e essa violação íntima de dignidade muitas vezes auxiliou na iniciação em outras formas de violência - não resume a história dessas garotas dentro dos grupos armados.

O foco exclusivo na questão sexual da violência muitas vezes ofuscou a complexidade dos papéis e experiências de garotas em conflitos armados. Estudos focados nas mulheres em contexto de guerra são de extrema importância, pois a guerra é normalmente conceitualizada em torno de discursos e características masculinas, onde os homens são vistos como os protagonistas principais. Às mulheres geralmente recaem o papel de vítimas ou fonte de apoio e lealdade que cuidam da casa e dos feridos. Contudo, o papel de mulheres na guerra, como muitos estudos demonstram, vão muito além. Esses papéis são, por vezes, complexos e contraditórios, e pedem por uma análise mais cuidadosa (HONWANA, 2006).

Relações de gênero, identidades, e papéis são fundamentais para as formas como mulheres vivenciam a guerra. O conceito de gênero, que pode ser definido como a construção social do que significa ser homem ou mulher, sugere que, enquanto as características biológicas dos sexos são universais, a forma como essas diferenças biológicas são interpretadas e compreendidas é um fenômeno social. Estudos antropológicos e sociológicos mostram que gênero não é um conceito uniforme em todas as sociedades. Construções de gênero são culturalmente e historicamente específicos, enquanto masculinidade e feminilidade não são as únicas ou necessariamente as principais formas como as pessoas se definem. Além disso, masculinidade e feminilidade não são imagens ou termos singulares e estáveis em todos os discursos culturais e práticas sociais.

Apesar do envolvimento crescente de mulheres na guerra, a forma como ambos os sexos vivenciam conflitos armados é fortemente afetada por definições de masculinidade e feminilidade que continuam a dominar discursos militares. Os papéis que mulheres exercem em tempos de guerra e dentro de organizações militares são frequentemente moldados por

uma ideologia que ainda retrata mulheres como fracas e as coloca em papéis tradicionalmente femininos de esposas, mães, e enfermeiras que são responsáveis por atividades domésticas. Mesmo quando mulheres participam diretamente em conflitos como combatentes, elas precisam enfrentar obstáculos adicionais, pois precisam se afirmar dentro da organização e estão sujeitas a violência, assédio e abuso sexuais. Apesar das várias experiências que meninas e meninos compartilham com crianças soldado, existe uma necessidade urgente em dar uma atenção particular para as meninas. Além de executarem muitas das tarefas designadas aos meninos – incluindo participação ativa em combate no caso de Serra Leoa -, garotas possuíam deveres adicionais. Especificamente, durante a guerra, as garotas não apenas lutaram, extraíram diamantes nas minas, entre outras atividades exercidas para os grupos armados, mas também cozinhavam, limpavam e prestavam serviços sexuais.

Meninas soldado tiveram experiências distintas e únicas, fisicamente e socialmente, ao precisarem se preocupar com aspectos como menstruação, gravidez, partos e criação de filhos. Não possuindo experiência como mães, e sem cuidados pré- ou pós-natal, garotas muitas vezes induziam abortos por si próprias, rejeitavam seus bebês, e em alguns casos, cometiam infanticídio. Quando reunidas com suas famílias após o fim da guerra, muitas meninas que haviam sido abusadas sexualmente e tido filhos foram rejeitas, já que é comum que garotas que foram submetidas à violência sexual sejam marginalizadas. No processo de reintegração em Serra Leoa após o conflito, em muitos casos foi mais fácil para um garoto ser aceito após amputar as mãos de civis do que para uma garota ser aceita após ser vítima de estupro (MCKAY E MAZURANA, 2004).

Fisicamente, meninas soldado podem passar por sérias complicações durante o parto, às vezes sofrendo com problemas ginecológicos por conta de infecções ou outros problemas durante o processo. Em Serra Leoa, garotas envolvidas com a FRU foram submetidas a práticas extremamente perigosas, como a técnica de pular na barriga de grávidas para induzir

ao parto ou amarrar suas pernas para conseguir o efeito contrário. Mesmo depois do parto, muitas garotas não têm tempo para recuperação, tendo que retornar imediatamente aos deveres militares, por vezes carregando seus bebês para o combate (MAZURANA, 2002). Apesar das experiências similares entre meninos e meninas, existe uma especificidade com relação às experiências de meninas que demanda maior atenção. Além disso, as experiências de garotas devem ser distinguidas daquelas que dizem respeito a mulheres adultas. Mulheres e meninas compartilham histórias de opressão de gênero, mas o aspecto da idade deve ser levado em conta. Pesquisas qualitativas sugerem que “esposas” de combatentes em todos os grupos armados no conflito de Serra Leoa não foram tipicamente mulheres, mas sim meninas, pois a maioria estavam entre 9 e 19 anos (MCKAY E MAZURANA, 2004). Uma possível explicação para esse fenômeno pode ser a de que crianças são mais vulneráveis ao rapto e recrutamento (tanto forçado quanto voluntário) do que adultos.

Meninas e mulheres adultas precisam ter suas experiências reconhecidas de formas diferentes por razões importantes. Em alguns casos, meninas podem ser mais vulneráveis a ataques sexuais do que mulheres por conta de receios comuns à HIV/AIDS. Se os homens que cometem esses atos têm medo de contrair HIV/AIDS ou outras doenças sexualmente transmissíveis, eles podem procurar por garotas mais novas por acreditar que elas têm menor chance de estarem infectadas (PARK, 2006). Além disso, meninas podem não possuir o apoio de recursos sociais e emocionais que mulheres podem ter desenvolvido para lidar com as provações a que são submetidas.

Garotas jovens são parte de um grupo negligenciado, que acabam se tornando invisíveis na análise sobre crianças soldado. Suas necessidades e experiências, portanto, não recebem a atenção adequada. Programas de desarmamento e, desmobilização e reintegração também ignoram essas necessidades. Em Serra Leoa, por exemplo, o programa de “cash for weapons” (dinheiro por armas) não beneficiou as meninas envolvidas no conflito que não

possuíam armas próprias, por terem sido confiscadas ou por terem exercido papéis que não envolviam o seu uso. Os programas também não eram adequados para lidar com a experiência de meninas com violência sexual, suas necessidades como mães, ou o relacionamento que tiveram com seus comandantes e “maridos”.

Em meio ao caos e vulnerabilidade, mulheres utilizam métodos alternativos para garantir melhores condições de sobrevivência e segurança. No contexto de violência que vivenciaram na guerra, criatividade e estratégia se tornaram táticas de sobrevivência. Apesar de suas ansiedades e forma brutais de vitimização, meninas fizeram tentativas conscientes de se proteger e negociar sua segurança através de diversos meios, incluindo o uso de armas, se relacionando com comandantes poderosos, perpetuando atos de violência, e tanto incorporando regras e normas do grupo armado quanto resistindo a elas. Esses mecanismos, que atingiram variados níveis de sucesso, destacam a capacidade de meninas soldado para negociação e agência, assim como para estratégia, resistência e apoio mútuo.

Ao analisar as diversas formas como meninas exibiram sua capacidade de agência, é possível perceber que tomaram decisões deliberadas, seja como vítimas ou perpetradoras, para atingir certos objetivos, incluindo sobrevivência, segurança e poder. As narrativas das experiências dessas meninas revelam as formas como fizeram esforços para minimizar sua vitimização e evitar ou usar combate como proteção. É notável a capacidade e coragem de muitas meninas de se proteger nas mais vulneráveis circunstâncias, considerando a forma como tantas oportunidades e escolhas podem estar relacionadas às questões de gênero. Assim, se torna evidente a sua autonomia e capacidade de pensar e agir dentro de estruturas tão frequentemente opressivas.

As formas criativas usadas por meninas para lidar com o caos associado à guerra torna possível questionar a imagem típica de mulheres como meras vítimas de conflito. Contudo, a estrutura de desigualdade de gênero acentuada presente antes da guerra certamente

moldou os níveis de agência e resistência exibidos por meninas e o grau de segurança que puderam vivenciar. Dessa forma, é importante notar que enquanto podem ter surgido diversas oportunidades e escolhas disponíveis para meninas no processo de exercer agência, no contexto de violência da guerra, agência muitas vezes tomou formas mais defensivas. Para vítimas de agressão constante, especialmente abuso sexual, e dentro de um contexto de estruturas opressivas e hierárquicas, a agência disponível as garotas em zonas de conflito são bastante limitadas. Ao explorar os relatos de meninas soldado, é possível observar como agência foi exibida por elas, muitas vezes, em situações envolvendo tortura, estupro, e morte.

Diante de condições tão repressivas, foi necessária muita habilidade, vigilância, coragem e força para evitar riscos e manter a segurança. Nesse sentido, a fluidez dos papéis de garotas é evidente na medida em que foram vítimas e agressoras, assim como prisioneiras e combatentes, frequentemente transitando entre essas categorias. Também é possível dizer que meninas que viveram dentro do grupo armado por períodos mais longos e tiveram tempo para observar, aprender, e compreender o sistema, foram mais habilidosas em criar meios eficientes de garantir segurança. Por exemplo, levava tempo e experiência para descobrir que carregar armas, que parecia inicialmente assustador, poderia na verdade representar uma forma de proteção. Já outras garotas procuravam se esforçar e dar o seu melhor em tarefas domésticas e papéis de gênero convencionais como cozinhar, para que fosse possível evitar atividades mais perigosas como combate. A estrutura em que estavam inseridas apresentou diversos obstáculos extremamente difíceis e ameaças significativas para meninas, e por isso exigiu que exercessem sua agência de forma cuidadosa e calculada, o que envolvia tanto obediência e submissão quanto tentativas de manipulação ousadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi o de, através da pesquisa cuidadosa sobre as diversas facetas do fenômeno das crianças soldado, buscar responder como podemos compreender o contraste da realidade de suas experiências com os discursos populares limitados. Através desta pesquisa e estudo de caso, se torna evidente a complexidade e múltiplas dimensões que apresentam as experiências de crianças militarizadas, além de questões mais específicas como o uso de jovens combatentes como tática de guerra e a dinâmica das meninas soldado.

A participação de crianças em guerras não é um fenômeno específico de nosso tempo, pois estiveram envolvidas em conflitos armados desde a Idade Média. Ainda assim, o problema ganhou novas proporções na atualidade, e as diferenças entre “velhas” e “novas” guerras não são suficientes para explicar totalmente essa mudança. Enquanto o tamanho e grau das diferenças entre guerras civis e internacionais do passado e presente é discutível, fica claro que as guerras atuais apresentam novas características e desenvolvem antigas características em níveis nunca vistos antes.

Leis humanitárias internacionais e noções locais de infância, como discutido nesse trabalho, determinam a forma como compreendemos o fenômeno das crianças soldado hoje. O reconhecimento de que as leis humanitárias internacionais foram e são incapazes de proteger crianças das atrocidades da guerra e prevenir seu recrutamento por grupos armados pede por uma nova análise das noções de infância no contexto de acordos internacionais e a real capacidade de fazer valer esses acordos. Essa análise precisa ser feita levando em consideração diferentes contextos socioeconômicos e culturais em que as leis devem ser aplicadas e onde se dá o conflito.

A discussão sobre crianças militarizadas e suas experiências é de importância vital para o processo de construção de estratégia para prevenir e evitar o uso de crianças em

conflitos armados. Este trabalho utilizou o caso específico de crianças soldado na guerra civil de Serra Leoa (1991-2001), buscando na literatura disponível sobre o tema e relatos de jovens combatentes os meios para expor a urgência de analisar a situação complexa que crianças soldados viveram e ainda vivem nos dias de hoje. Compreendendo as circunstâncias que levaram ao recrutamento de crianças em Serra Leoa é fácil identificar como ainda existe muito trabalho a ser feito em relação à questão das crianças soldado, não só na prevenção do envolvimento das crianças em guerras, como na responsabilização dos adultos que os integraram nos grupos armados, como ainda no imenso esforço que deve ser feito para a recuperação e reinserção desses jovens na sociedade.

Exploramos as experiências e rotinas dessas crianças dentro do contexto de guerra e violência política. O recrutamento de crianças como soldados é resultado das ações de líderes locais e suas estratégias para tomar o poder que deveria ser apenas do estado. A iniciação de jovens em uma cultura de violência é um processo orquestrado para de reconfiguração de identidade com o objetivo de cortar laços com a sociedade e transformar crianças em assassinos impiedosos. Apesar do fato de que muitas crianças foram forçadas a entrar para os grupos armados, elas não podem ser consideradas como um recipiente onde foi inserido o comportamento violento que demonstraram.

É possível argumentar que, tendo iniciado sua trajetória como vítimas, muitas crianças foram convertidas em perpetradoras dos atos mais horrendos de violência. Ao serem transformadas em soldados, elas exerciam agência própria, uma agência tática originada em uma posição de fraqueza. Essa agência tática é esporádica e móvel e toma oportunidades que permitem aos jovens combatentes lidar com as circunstâncias impostas a eles. Táticas são ações complexas que envolvem cálculo de vantagens, mas que surgem da vulnerabilidade. Apesar de serem privadas de uma base de poder, essas crianças navegam em diversos espaços e estados simultâneos: crianças e adultos, vítimas e perpetradoras, civis e soldados.

Crianças foram usadas para fortificar tropas durante séculos. Contudo, após a Segunda Guerra Mundial, é possível identificar um maior número de conflitos envolvendo jovens soldados, graças a uma mudança na dinâmica do campo de batalha. As normas referentes às crianças e civis mudaram, e com isso elas foram transferidas do status de meios de fortificação de tropas, para o de armas de guerra significantes e sociopsicológicas. Nas insurgências atuais, é aparente que uso de crianças soldado é, em muitos casos, não apenas um método para aumentar números, mas também uma inovação tática projetada para atacar o psicológico do inimigo. No caso do conflito em Serra Leoa, todas as partes envolvidas utilizaram crianças em suas tropas, mostrando que a forma escolhida para combater a estratégia inicial da FRU, foi a de também utilizar crianças. É preciso levar em consideração um contexto prévio com relação ao ponto de vista da população do local sobre noções infância e os papéis exercidos pela criança na sociedade.

São explorados nesse trabalho, aspectos como amplificação de tropas, dilemas morais, alocação e incentivos no caso do conflito em Serra Leoa, que auxiliam na análise do uso tático de crianças militarizadas como vantagem política. Foi possível registrar que a introdução de tropas britânicas ao fim da guerra diminuiu a probabilidade do uso de crianças pelo Exército de Serra Leoa. Isso poderia indicar que a presença dos britânicos teve efeito limitador, e se esse for o caso, é importante uma análise mais profunda das condições para tanto. Essa discussão levanta a questão de se é possível que a intervenção de atores internacionais em guerras civis seja um método para restringir o uso de crianças soldado, que deve ser analisada.

Outro ponto de importância vital no estudo sobre o fenômeno das crianças soldados explorado neste trabalho é o das meninas soldado. As experiências de meninas e jovens mulheres em contextos de guerra civil são complexas e multifacetadas. A ênfase nas questões do estupro e violência sexual, apesar de válida e importante, tende a tornar obscura a multiplicidade de experiências que jovens mulheres vivenciam durante a guerra. Ao explorar

mais afundo o que meninas vivenciam em conflitos armados, é possível compreender melhor os papéis que executam como combatentes, trabalhadoras domésticas, “esposas”, testemunhas e vítimas de violência. A guerra civil mudou completamente as vidas dessas meninas e suas comunidades em aspectos que vão além dos efeitos diretos do recrutamento e combate. É crucial atender melhor às necessidades dessas que fizeram parte de uma guerra civil, e que em tantos casos tiveram sua dignidade e identidade violadas de maneiras extremamente íntimas e permanentes.

Como já mencionado, o uso de crianças militarizadas causa ruptura social em níveis profundos, além dos efeitos diretos que têm nas vidas desses jovens. Como consertar ou transcender uma ruptura social se torna o papel de comunidades, governos e da sociedade civil global. É uma tarefa permanente que recebeu atenção esporádica. Considerando o nível da brutalidade que pode ser presenciada em guerra civil, é necessário que se considere a eficiência de reparos para rupturas sociais pós-conflito. Se crianças são forçadas a matar as próprias famílias, como terão de volta a vida que um dia tiveram em suas comunidades? Considerando que o uso de crianças soldado produz consequências tão drásticas, o maior foco deve ser em como parar a prática antes que o conflito acabe, enquanto a ruptura social ainda está ocorrendo. Isso significa encontrar soluções para diminuir as vantagens do uso de crianças no campo de batalha.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRETT, Rachel e SPETCH, Irma. **Young Soldiers: Why They Choose to Fight**. Londres: Lynne Rienner Publishers, 2004.

Child Soldiers International. Global Report. Londres: Child Soldiers International. *Childhood: Creativity and Representation*. N° 1, vol.1, 2001, p. 429-447.

COHN, Ilene. e GOODWIN-GILL, Guy.S. **Child Soldiers: The Role of Children in Armed Conflicts**. Nova York: Oxford UK, 1994.

DENOV, Myriam. **Child soldiers: Sierra Leone's Revolutionary United Front**. Nova York: Cambridge University Press, 2010.

DENOV, Myriam e MACLURE, Richard. Engaging the voices of girls in the aftermath of Sierra Leone's conflict: Experiences and perspectives in a culture of violence. *Anthropologica*. N°1, vol.48, 2006 p. 73-85.

DENOV, Myriam e MACLURE, Richard. I didn't want to die so I joined them: Structuration and the processo of becoming boy soldiers in Sierra Leone. *Terrorism and Political Violence*. N°1, vol. 18, 2006, p.119-135.

FERME, Mariane e HOFFMAN, Danny. Hunter militias and the international human rights discourse in Sierra Leone and beyond. *Africa Today*. N°4, vol. 50, 2004, p. 73-95.

GIDDENS, Anthony. **The Constitution of Society**. Cambridge, UK: Polity Press, 1984.

HONWANA, Alcinda. **Makers & Breakers: Children & Youth in Postcolonial Africa**. Oxford: James Currey, 2005.

HONWANA, Alcinda. **Child Soldiers in Africa**. Filadélfia: University of Pennsylvania press, 2006.

KALDOR, Mary. **New and Old Wars: Organized Violence in a Global Era**. Cambridge, UK: Polity Press, 1999.

KORBIN, Jill. Children, childhood, and violence. *Annual Review of Anthropology*. N°1, vol. 32, 2003, p. 431-446, 2003.

MACHEL, Graça. **The Impact of War on Children**. Nova York: United Nations, 1996.

MAZURANA, Dyan. Girls in fighting forces and groups: Their recruitment, participation, demobilization and reintegration. *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology*. N° 2, vol.8, 2002, p. 97-123.

MAZURANA, Dyan. e CARLSON, Kristopher. 2004. From Combat to Community: Women and Girls of Sierra Leone. *Peace Women*. Disponível em <[www.peacewomen.org.com](http://www.peacewomen.org.com)>. Acesso em 21 de out 2016.

MONFORTE, Tanya. Razing Child Soldiers. *Journal of Comparative Politics*. N°.27, vol. 27, 2007, p. 169-208.

PARK, Augustine. Other Inhumane Acts: Forced marriage, girl soldiers and the Special Court for Sierra Leone. *SocioLegal Studies*. N°3, vol.15, 2006, p.315-337.

BRACKEN, Patrick e PETTY, Celia. **Rethinking the Trauma of War**. Londres : Free Association Books Limited 1998.

PETERS, Krijn e RICHARDS, Paul. Why we fight: Voices of youth combatants in Sierra Leone. *Africa: Journal of International African Institute*. N° 2, vol. 68, 1998, p.183-210.

RICHARDS, Paul. **Fighting for the Rainforest: War, Youth and Resources in Sierra Leone**. Oxford, UK: James Currey, 1996.

RICHARDS, Paul. Rebellion in Liberia and Sierra Leone: a crisis of youth?. In: FURLEY, Oliver. *Conflict in Africa*. Londres: Tauris, 1995.

ROSEN, David. **Armies of the Young: Child Soldiers in War and Terrorism**. New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, 2005.

SHEPLER, Susan. **The Social and Cultural Context of Child Soldiering in Sierra Leone**. Oslo: PRIO, 2004.

SINGER, Peter. **Children at war**. Nova York: Pantheon Books, 2005.

TYNES, Robert. Child Soldiers, armed conflicts, and technical innovations. 2011. 343 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Políticas, Universtiy Of New York At Albany, Nova York, 2011

TYNES, Robert; EARLY, Bryan. Tactical Innovation in the Use of Child Soldiers in Civil Wars. In: AMERICAN POLITICAL SCIENCES ASSOCIATION, 107., 2011, Nova York. Annual meeting paper. Nova York: APSA, 2011. p. 1 – 46.

United Nations Children's Fund . The Paris Principals: Principals and Guidelines on children associated with armed forces and armed groups. UNICEF. Disponível em <[www.unicef.org.com](http://www.unicef.org.com)> Acesso em 15 set 2016.

United Nations Development Program. UNPD. Disponível em < [www.undp.org](http://www.undp.org) >. Acesso em 10 set 2016.

WESSELS, Michael. **Child Soldiers: From Violence to Protection**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2006.

WESSELS, Michael. 2005. Child Soldiers, Peace Education and Post Conflict Reconstruction for Peace, Theory into Practice. *Peace Education*. N° 4, vol. 44, 2005, p.363-369.

ZACK-WILLIAMS, Alfred. 2001. Child soldiers in the civil war in Sierra Leone. *Review of African Political Economy*. N° 87, vol. 28, 2001, p.73-82.